



TRIBUNA Livre

24
AGOSTO
1957

SEMANARIO DE CRITICA E ACTUALIDADES

EDITORA: PAULO BARBOSA DE MACEDO
DIRETOR: ANTONIO JOSÉ DA COSTA
REDAÇÃO: PAULO BARBOSA DE MACEDO
CAMPESINA, Impressora e Editora, LARGO DE OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 22112 - AMARES

O APROVEITAMENTO

O problema que se debate sob o título «As grandes realizações» é momentoso, inadiável; merece ser secundado e apoiado por todos quantos se interessam pelo bem-estar comum de seus semelhantes, de seus contemporâneos.

Como modesto mas apaixonado lavrador que também me prezo de ser e relativamente ligado por sentimento a questões de primeira ordem em vista ao engrandecimento e progresso da nossa terra, já há muito que pensei trazer exactamente este assunto às

da Albufeira de Caniçada

colunas deste periódico e não o fiz para não abusar do espaço do mesmo, que outros colaboradores também têm o direito de ocupar.

Na verdade não está certo que *Entre-Homem e Cávado* seque e defina à míngua de água, que as populações rurais, filhas e herdeiras das que gozaram da proverbial fertilidade destas terras, ve-

jam agora, com dor e tristeza, contorcer-se de sede os seus campos, os seus milheirais, única esperança e recurso de um ano farto e feliz.

Se tão acentuadamente se verifica já o êxodo dos nossos campos com o desinteresse pela agricultura, as circunstâncias de momento, com o problema insolúvel da falta de água que, é de supor, afectará cada vez mais de ano para ano a lavoura, apavoram e assustam.

O gravíssimo problema da irrigação do importantíssimo Vale do Cávado tem forçosamente de atrair os olhares e as melhores atenções de quem de direito e procurar para ele a melhor solução.

O duplo aproveitamento
(Continua na 4.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva
(Continuação do número anterior)

Acompanhe-se e sirva de amparo e guia a pena falante de Alberto Sampaio em suas profundas observações sobre «as villas do Norte de Portugal» porquanto nos parece vê-lo debruçado com especial atenção sobre estas terras do Vale do Cávado, na recolha de elementos e subsídios, através dos textos das Inquirições e de velhos folios para os seus magníficos «Estudos históricos e económicos».

Aí realça a importância das investigações históricas relativas a este noroeste peninsular desde os tempos mais remotos, afirmando «que além do interesse geral, como questão de origem, terão sempre um atractivo especial para os seus habitantes, por isso que eles representam, ainda hoje, a raça antiga, cuja emigração remonta a épocas longínquas».

Convém desde já notar que o progressivo desenvolvimento das populações tem sido a causa fundamental da constante fragmentação da propriedade — *proprietatis* — direito natural inicialmente adquirido por consequência do trabalho exercido sobre o solo; esse parcelamento acentua-se cada vez mais, conforme circunstâncias particulares de cada região, quanto é certo que hoje, em cidades mui principais, a mesma propriedade já em determinados casos se encontra restrita ao que se chama «propriedade horizontal», razão de extraordinária afluência a grandes centros urbanos.

O instituidor do prédio romano, demarcando o terreno, desbravando-o no todo ou em parte e procedendo às primeiras construções, «gravava quase sempre nele a sua personalidade, com a imposição do próprio nome; transmitindo-se depois através as diversas sucessões, como a memória de um fundador de uma cidade, ele servia por isso para identificá-lo mais que a mesma localização»; e aqui reside, em boa parte, a verdadeira origem da denominação da propriedade, da sua toponímia, das cidades às vilas, das aldeias aos mais simples casais e lugares — *Casales et locales* — aos montes e aos campos, quando lhes não serviram outras razões mais fortes, de pormenor ou de accidentalidade geográfica.

As primitivas *villas* romanas, que se mantiveram durante séculos como unidade agrária e fiscal, começaram a desmembrar-se, quando já em seu seio tinha penetrado uma nova força — a da Religião — que encontrou em si a

(Continua na 6.ª página)

Belezas da nossa Terra

Estrada Feira Nova - Caldelas

Vimos hoje trazer à consideração de quem de direito, talvez à Direcção de Estradas do Distrito de Braga, Junta de Turismo e Câmara Municipal de Amares, a grande necessidade de, no mais curto lapso de tempo, ser enquadrada no plano das «grandes reparações» a estrada Feira Nova-Caldelas e realçar o valor turístico desta via, das suas paisagens, miradouros e recortes de natureza pródiga, que devem ser inteligentemente aproveitados.

Nunca é demais lembrar a necessidade e encarecer a importância desta via de grande futuro turístico.

Embora lamentemos que, em Caldelas, sob o ponto de vista do seu embelezamento e aproveitamento turístico da sua óptima topografia, quase tudo esteja por fazer, temos de concordar, com realismo, que essa Estância Termal, já hoje das mais categorizadas de Portugal, tem na sua frente um largo futuro, que, mercê, tanto do valor das suas privilegiadas águas mineo-medicinais, como das suas belezas naturais, se há-de tornar

umas das mais concorridas estâncias de cura e repouso do País, e um dos mais apetecidos e aprasíveis recantos do Minho.

A dois passos dos grandes centros turísticos e protegida das intempéries por montanhas de deliciosos contornos, riqueza turística ainda por aproveitar, o seu clima é temperado e a atmosfera duma quietude impressionante e natural que convida ao sonho e a respirar a plenos pulmões.

Como assim o entendeu o egrégio poeta Sá de Miranda, os escritores, líricos e pintores, têm em Caldelas searedores tudo quanto a natureza pode oferecer de mais casto, vivo e sublime, à sua sensibilidade artística.

O homem do século XX, a quem a máquina impôs vida acelerada e extenuante, tem ali um mundo à parte, onde tudo é quietude, beleza e sossêgo, para reparar energias precocemente gastas, no turbilhão de vida moderna.

Considerando Caldelas, com

(Continua na 6.ª página)

Estrada de S. Pedro Fins

Como se vê do noticiário de Caires, a iniciativa de uma estrada para S. Pedro Fins, a partir do Olival do Senhor, da estrada de Paredes Secas, está em marcha.

A Peregrinação do ano de 1959, se esta iniciativa não for frustrada, poderá ser feita pela nova estrada em projecto.

Para tal, seria necessário tomar desde já o caso a sério.

Formada a respectiva comissão de proprietários e requerida imediatamente a participação do Estado, haveria grande probabilidade de que a freguesia de Caires e todo o Concelho, pudessem beneficiar de tão significativa obra de valorização, na apontada data, o que seria óptimo.

Não se deve esquecer que, devido ao grande declive do terreno, esta estrada deveria ser feita inteiramente em calçada à portuguesa ou em cubos, ou mesmo asfaltada, para que a aluvião a não destrua em pouco tempo.

Mal ficaria agora à Comissão de Turismo de Caldelas, deixar de promover igual iniciativa, para que outra estrada ligue, do lado de Caldelas, S. Ovidio com S. Pedro Fins.

Deste nosso posto de observação, diremos sempre:

AVANTE!

A MULHER PORTUGUESA, UMA SEMI-ES CRAVA...

Vimos há dias numa secção feminina de um importante diário, focar um assunto que nos prendeu logo a atenção, devido a certo exagero com que foi posto.

A articulista começa por louvar o que um leitor lhe expõe acerca do «modus vivendi» conjugal, entre nós, e acrescenta: «Bem se vê que não vive em Portugal continental, clima desgraçado para nós (mulheres). Há-de notar, numa observação cautelosa, o ar que a mulher portuguesa tem depois de casada. É digna de estudo para quem observe imparcialmente. Em geral, triste, absolutamente diferente do que era em solteira. Revela decepção, aborrecimento da vida, susto, terror, sobretudo de ir de encontro à opinião ou vontade do companheiro, se quer viver em paz».

O leitor, esse, expõe assim a índole masculina: «...o português médio, chamemos-lhe assim, a quem compete dar bons exemplos de coexistência pacífica no lar, é,

sem dúvida, o que se julga com mais direito de espancar, barbaramente, a consorte, se esta tiver a pouca sorte de o repreender quando procede mal, ou imiscuir-se nos seus negócios, não admitindo nunca, que ela se vire para ele em atitude de quem pretende retribuir a pancada que levou, pois se assim proceder pode contar que ficará, automaticamente, mutilada. E' a lei».

Nota-se, sobretudo, que ambos puzeram como regra aquilo que terão visto por excepção.

(Continua na 4.ª página)

ENLACE MATRIMONIAL

Realiza-se, amanhã, no Templo de S. Luzia, em Viana do Castelo, o enlace matrimonial do nosso dedicado amigo e colaborador distinto, sr. Joaquim Monteiro (Jorge), com a Ex.ma sr.a D. Maria Bernardina da Concelção Pereira.

A «Tribuna Livre» deseja associar-se, de uma maneira simples, mas sincera, às suas alegrias, e deseja-lhe mil venturas no futuro lar, em que os seus altos ideais brilham como exemplo.

TRIBUNA AGRÍCOLA

Duas pragas DO MILHO

A PARECERAM já com grande frequência nos milheirais do nosso País duas pragas — a «Noctua» e a «Pirale» — que durante muitos anos mal foram conhecidas entre nós.

Quem, por exemplo, percorrer a região entre Vila Franca de Xira e a Golegã, e se der ao trabalho de examinar algumas plantas de milho cultivado, quer para grão quer para ferrejo, encontrará folhas roídas, caules e maçarocas (se as houver) perfurados e com o miolo comido, e nos espaços entre as folhas e o colmo verificará a existência de grânulos moles formando a massa pegajosa — que são excrementos de larvas.

Se abrir cuidadosamente um colmo tem grande probabilidade de encontrar uma largata lustrosa, de cor rosa-carne, com a linha dorsal de tonalidade mais forte e a cabeça castanha escura; de um e outro lado do corpo uma série de pontuações (estigmas) escuras tomam o aspecto de uma linha ponteadas. O comprimento das lagartas varia consoante a idade destas, e atinge quando do completo desenvolvimento 3 a 3.5 cm. Pois bem, isto é a «Noctua do Minho» (*Sesamia vuteria* Stoll.).

A «Noctua» passa o inverno no estado larvar, abrigada nos colmos de milho deixados no campo, armazenados para camas ou já amontoados para estrume. Muitas vezes as lagartas procuram também abrigos em pedaços de madeira velha e até nos interstícios dos troncos das árvores; outras ficam ainda no solo, mas neste meio a mortalidade é muito grande.

As lagartas que hibernaram transformam-se em crisálidas na primavera do ano seguinte; eclodem depois os adultos que efectuarão as posturas sobre as folhas do milho. Dos ovos postos nascem pequenas larvas que penetram no colmo da planta e se alimentam do respectivo miolo. Aí se desenvolvem, passando a outra planta se na primeira o alimento escasseia; e, de fim de Julho a fim de Agosto — consoante as condições atmosféricas — transformam-se em crisálidas, depois em adultos: estes darão origem à segunda geração de lagartas, as quais hibernam ao atingir o pleno desenvolvimento.

Ora, um outro exemplar também muito frequente, é o da lagarta da «Pirale» (*Pyrausta nubilalis* Hb.). Mais pequena do que a da «Noctua», regra geral não ultrapassa os 2 cm. quando totalmente desenvolvida. Tem cor branca amarelada como fundo; o dorso, devido a quatro nódulos cinzentos-escuros, de cada segmento abdominal apresenta como que quatro faixas longitudinais daquela cor.

O estrago ocasionado por esta larva verifica-se principalmente na folha da planta, onde come o parênquima. Só depois de desenvolvida ela penetra nos colmos.

O ciclo biológico da «Pirale», em igualdade de condições atmosféricas, é idêntico ao da «Noctua», pelo que não merece a pena descrevê-lo aqui.

Dos insectos adultos (borboletas), têm hábitos crepusculares e nocturnos os da «Noctua», e francamente nocturnos os da «Pirale», pelo que em ambos os casos são pouco visíveis durante o dia.

Quer uma quer outra destas pragas chega a destruir um milheiral em poucos dias. Aparecem com muita frequência atacando a mesma planta simultaneamente.

No ano passado, num milheiral da região de Vila Franca de Xira tivemos ocasião de verificar que 80% das plantas estavam atacadas por ambas as pragas. Um tratamento efectuado nessa altura conseguiu não só proteger as plantas sãs como ainda evitar a perda de 50% das já atacadas. Na zona não tratada a perda total foi de 85%.

A natureza do ataque destas pragas — e principalmente a do da «Noctua» — exige um especial cuidado na aplicação da calda insecticida utilizada, além das folhas ficarem bem molhadas é absolutamente necessário que a calda penetre nos espaços interfoliares escorrendo até ao colo da planta. Deste modo, mesmo que algumas lagartas se encontrem já alojadas no interior do colmo serão atingidas pela calda e sujeitas portanto aos seus efeitos.

Mas, não devemos cuidar das plantas só depois de as vermos danificadas; faça-se o combate logo aos primeiros sinais do aparecimento da praga — folhas roídas ou colmos furados.

E, não nos esqueçamos, é preferível repetir um tratamento por ter efectuado o primeiro algo cedo, do que perder a colheita por demasiado tardio.

VANTAGENS DO EMPREGO DAS SEMENTES SELECIONADAS

Desde há muito se sabe que o uso de melhores sementes é garantia de melhores produções. E no caso particular da cultura cerealífera, essa regra é da maior importância e interesse para a lavoura, que não pode deixar de reconhecer a enorme influência que o emprego de sementes seleccionadas tem no valor das produções. No nosso País, apesar do emprego dessas sementes não estar ainda perfeitamente nos hábitos da lavoura, atribue-se-lhe já a maior parte da responsabilidade nos aumentos de produções unitárias verificados ultimamente. De resto, é por conhecer bem as vantagens técnicas e económicas que advêm do uso das sementes seleccionadas de trigo que a F. N. P. T. tem fomentado o seu desenvolvimento, quer mantendo uma política de preços capazes de estimular a produção de trigos de semente e o emprego de sementes seleccionadas (o preço médio que a Federação paga pelos trigos de semente é de 3\$44, enquanto a semente seleccionada é fornecida à lavoura a 3\$30), cujos prejuízos e encargos suporta conjuntamente com o Estado, quer procedendo à construção e montagem de um número sempre crescente de postos de selecção nos locais mais adequados para servir a lavoura.

A semente seleccionada é isenta de impurezas e de outras sementes estranhas, os grãos apresentam uniformidade de volume, de forma e de peso, têm elevado poder germinativo e, como possuem maiores reservas nutritivas, dão origem a plantas mais vigorosas.

Em virtude destas características, as vantagens técnicas do emprego das sementes seleccionadas, podem esboçar-se da forma seguinte:

— Menor quantidade de semente por hectare, dada a garantia de que toda germinará e dará origem a plantas vigorosas;

— Maior uniformidade da seara, pela pureza da forma cultivada;

— Maior resistência da seara às doenças e às infestantes dado o vigor das plantas;

— Menor concorrência de plantas infestantes pela eliminação prévia de todas as suas sementes; e, por todas estas razões;

— Maiores produções unitárias.

Podemos acrescentar ainda que, em virtude da uni-

formidade da seara, o lavrador pode proceder mais fácil e oportunamente às operações finais da ceifa e debulha. É evidente que, aliados às vantagens técnicas citadas, existem vantagens de ordem económica no uso das sementes seleccionadas. Temos, assim, que uma menor infestação permite menor despesa com mondas; a semente seleccionada custa menos que outra não escolhida tendo em conta o seu alto valor; as importâncias do saco e dos transportes já estão incluídos no seu preço de venda à lavoura.

Sendo tão facilmente demonstráveis e compreensíveis as vantagens resultantes do emprego das sementes seleccionadas de cereais, pode estranhar-se que toda a lavoura ainda se não tenha apercebido delas. Mas estamos certos de que em as conhecendo melhor, quer através da valorização agrícola, quer através da própria experiência, a lavoura cerealífera recusar-se-á a utilizar outras sementes que não sejam as seleccionadas e há-de

interessar-se na sua produção e multiplicação, à semelhança do que se passa noutros países.

Basta que se indique que no estrangeiro o preço do trigo de semente orça em geral pelo dobro do preço do trigo de consumo, e a lavoura não deixa de o utilizar. Ora, em Portugal, mercê da política de fomento estabelecida, o preço de trigo de semente apenas excede em cerca de 10% o preço do trigo de consumo.

A F. N. P. T., desde que iniciou a sua produção com um posto de calibragem em Elvas, em 1940 com um rendimento horário de 700 Kgs., tem vindo gradualmente ampliando esses serviços, totalizando actualmente 22 postos e um rendimento horário de 37.050 Kgs. Com a entrada em funcionamento, em 1956, do Nucleo de Selecção e Armazenagem de Vila Franca de Xira, foi dado o passo decisivo no capítulo da selecção mecânica de sementes prevenindo-se para este ano que o quantidade seleccionada em todo o país atingirá as 30.000 toneladas. Trinta mil toneladas de sementes seleccionadas de trigo postas à disposição da lavoura e do seu progresso, na senda de conseguir maiores produções de melhor qualidade.

UM POUCO DE TUDO

Todas as explorações agrícolas dispõem, da Primavera ao Outono, de restos vegetais que são completamente desaproveitados.

Não desperdice. Se não dispõe de gado de capoeira, empilhe esses restos em camadas, favorecendo a decomposição com a adição de 3 a 4 partes para 100 de cal em pó.

Para evitar o desenvolvimento de maus cheiros, pode juntar-se ainda e na mesma proporção, sulfato de ferro bem moído.

Se esses restos vegetais estão, porém, infectados por qualquer doença criptogâmica ou infestados por qualquer praga, devem ser queimados ou enterrados bem fundo.

As variedades americanas de macieiras tendem a expulsar dos mercados mundiais as variedades europeias. Assim, na França o repovoamento frutícola de Roussillon e do Meio-Dia estão a fazer-se à base de va-

riedades daquela origem.

Caracterizadas por uma sensível resistência ao pedrão e normalmente por uma acentuada precocidade, são hoje as variedades americanas as que se exclusivamente usadas nas regiões quentes dos países pomícolas mais adiantados.

Vigie as fruteiras e videiras, sempre com um bom insecticida à mão. Não esqueça que mais vale prevenir do que remediar.

(Da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes).

TRIBUNA LIVRE é distribuída em Braga, no Quiosque Central, Largo do Barão de São Martinho

Lede e assinai «Tribuna Livre»

TRIBUNA do CONCELHO

O Santuário de Nossa Senhora da Abadia

À grandiosa romaria de Nossa Senhora da Abadia que se realizou no seu histórico Santuário, desde o dia 10 a 15, de Agosto, vieram muitos milhares de peregrinos de muitas terras do País, e alguns até do estrangeiro, pedir à Virgem Senhora da Abadia a sua Divina Graça e protecção.

No dia 15, último dia de romaria, foi de tal modo concorrida, que até causou surpresa a todos aqueles que conheciam a romaria dos anos anteriores, pois que este ano o número de peregrinos ultrapassou muito os destes últimos anos.

E muitos mais viriam ainda se todos tivessem tido meio de condução, pois que chegou ao nosso conhecimento, que muitos de vários concelhos do distrito contando com «carreiras eventuais» encontravam-se junto das estradas a aguardar o meio de condução para poder ir prestar culto à Virgem Mãe do Céu.

Embora que as camionetes ao serviço da romaria tivesse sido em número regular, não foram as suficientes para poder transportar todos aqueles que lá pretendiam ir.

Se não surge esta falta de meio de condução, o Terreiro do Santuário de Nossa Senhora da Abadia tornar-se-ia pequeno para comportar dentro dele a imensa multidão de peregrinos que então se iria juntar, demonstrando assim a fé e devoção que têm por esta Milagrosa Senhora da Abadia.

Mas mesmo assim, o Terreiro, devido à grande multidão de peregrinos que lá se

encontravam, tornou-se pequeno para o estacionamento de carros e camionetes, pois que tiveram de estacionar desde o fundo do Terreiro até à 1.ª capela, quem sobe da Estrada de Bouro, o que deve ficar a quinhentos metros de distância do Terreiro.

Todos aqueles que concorreram com as suas ofertas para Nossa Senhora da Abadia, quando da ocasião do cortejo do dia 5 de Abril último, e agora visitaram o Santuário, ficaram com grande satisfação por verem as obras a que a presente Mesa da Confraria deu início, encontrando-se algumas já concluídas, e outras prestes a ficar nas mesmas condições, o que já vem dando graça e beleza a este cantinho do céu.

A actual Mesa da Confraria trabalha com toda a força de vontade e com grandes aspirações para que este antiquíssimo Santuário retome a posição que por direito lhe pertence, mas para isso é preciso que todos ajudem, pois que Nossa Senhora da Abadia estará sempre de braços abertos a agradecer a todos aqueles que se não esqueçam dela.

Oxalá que para as próximas romarias que se realizem neste grandioso e histórico Santuário, as Empresas de carros de aluguer se não esqueçam de se prevenir com carros suficientes para que todos que assim o desejem possam ir visitar a Senhora da Abadia, Mãe dos Portugueses e Padroeira de Portugal.

S. J.



VIDA POR VIDA

Prosseguindo na sua árdua tarefa de angariação de fundos para a grandiosa obra em vista e já aqui largamente referida, vai o corpo activo da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários, percorrer, no próximo domingo, mais algumas localidades.

Oxalá que o seu sacrifício continue a ser recompensado, para que esta bela cruzada de bem fazer não esmoreça. Que o generoso ideal «vida por vida» continue a abrir a nossa boa vontade de ajudar os desígnios de quem se sacrifica pelo bem comum.

houve muita falta de acordo entre o programa executado pela Banda de Bouro e as emissões de música de disco, notando-se que a mesma Banda teve de interromper a execução de algumas peças pela intromissão da epidemia da música gravada, não sabemos se por culpa dos festeiros, pelo menos a etes se deve a arbitrariedade, por não saberem dar ordens no sentido de se não baralharem as funções de altofalantes e banda.

Desta forma, a função dos altofalantes vai-se tornando cada vez mais antipática.

Actividade da Banda dos Bombeiros Voluntários

No passado Domingo deslocou-se à freguesia da Torre, deste concelho, este conceituado grupo artístico, para abrilhantar a festividade em honra de Nossa Senhora da Abadia da Torre, imagem muito venerada nesta freguesia.

A Banda foi muito aplaudida por um selecto grupo de apreciadores. Deslocou-se ali grande número de pessoas da vizinha freguesia de Caldelas, incluindo muitos aqistas.

Também amanhã a referida Bandeira exibir o seu selecto reportório na freguesia da Loureira, do vizinho concelho de Vila Verde, onde conta grande número de apreciadores.

Desastre no trabalho

No dia 21 do corrente mês, pelas 19,30 foi conduzido ao hospital da Santa Casa da Misericórdia, de Vila Verde, na ambulância dos Bombeiros Voluntários de Amares, o trabalhador Fernando Fernandes Soares, de 19 anos, filho

de João Soares e de Patrocínia da Conceição Fernandes de S. Vicente do Bico, deste concelho, por se ter ferido gravemente com um machado, quando procedia ao abate de árvores.

Vida elegante

Aniversários

Amanhã -- O sr. Narciso José Gonçalves.

Segunda-feira -- O sr. Virgílio Alberto Arantes Menezes.

Quinta-feira -- A gentil menina Wanda Maria Mendonça Calheiros.

Sexta-feira -- O sr. Joaquim Ferreira dos Santos.

Sábado -- A sr.a D. Maria Manuela Pinheiro de Almeida Calheiros de Abreu Chaby.

Completa, no próximo dia 26, as suas 16 risonhas primaveras, a gentil menina Maria Tereza Gomes Figueiredo e Sousa, filha do sr. dr. Paulo de Sousa, distinto professor do Liceu Nacional de Braga.

«Tribuna Livre» deseja à aniversariante, muitos parabéns e as maiores venturas.

Passa, no próximo dia 28 do corrente, o aniversário natalício do nosso conterrâneo e assinante sr. João Manuel da Costa e Silva, actualmente no Porto.

«Tribuna Livre» associa-se a este tão faustoso dia e deseja-lhe muitas felicidades.

No dia 29, passa o seu aniversário natalício o hábil gráfico das nossas oficinas, sr. Manuel Martins Fernandes. Por tal motivo os seus colegas de oficina oferecem-lhe um lauto jantar.

LAGO

Quer-se regar e os motores não funcionam. A corrente eléctrica não tem força suficiente. A água fica, pois, no fundo dos poços e os milhos a pedirem-na. Informam-nos que o defeito se verifica, todos os dias, na cabina em Rendufe.

Aos funcionários da Câmara, encarregados da eléctrica, zelosos e competentes, pedimos que acabem com este estado de coisas, que parece estar ao seu alcance.

—Em Braga, onde residia, faleceu com 82 anos a sr.ª D. Arminda Alves Cerdeira, daqui natural, irmã do sr. Eugénio Alves Cerdeira, D. Sofia e D. Beatriz Alves Cerdeira, a quem apresentamos condolências.

—Vimos aqui o sr. António

Antunes Araújo, importante comerciante em Lisboa que veio buscar sua esposa D. Laurinda Antunes Araújo e gentil filha menina Adelaide, que de visita à família Antunes Bastos, se encontravam nesta localidade.

—Para Melgaço, seguiu com sua ex-ma esposa D. Rosalina Ribeiro Soares, o sr. José António Soares, para ali fazerem a sua habitual cura de águas. — J. P.

CAIRES

Entre nós

Encontra-se no nosso meio, de visita à sua numerosa família, o Senhor Rufino Pinheiro, vindo de França, juntamente com a sua esposa e filhos; encontra-se belamente instalado na casa nova do lugar do Paço.

De visita

Deram-nos o prazer da sua muito estimada visita o Senhor Belmiro Simões, e sua Ex.ª esposa D. Maria de Lourdes Vieira Simões, altos funcionários da Faculdade de Letras, da Universidade de Coimbra, bem como o jovem seminarista de Almada, Lisboa, José Lourenço Amado Franco que veio com a sua querida avó, a distinta Senhora D. Augusta da Conceição Lourenço Amado, que na passada quinta-feira, dia 15 festejou o 69.º aniversário natalício. Muito gratos por estas gentilezas e que estas datas e visitas se repitam por mui-

(Continua na 4.ª página)

HUMORISMO

Ao sair do restaurante

—Porque não deixaste ao criado ajudar-te a vestir o sobretudo?

—Não tenho a certeza se ele me serve...

Um bom cliente

—Então o senhor compra ou não compra o livro?

—Espere um momento. Já só falta uma página...

A vantagem de ser músico

—Estou vendo que os músicos morrem em idade avançada.

—Claro. Não vês que passaram grande parte da sua vida no Conservatório?

Bocas de incêndio

As avarias existentes nas bocas de incêndio foram prontamente reparadas pelos serviços municipais, mas nota-se ainda que algumas delas não se encontram completamente em ordem, umas quatro apenas. Convém ultimar o seu concerto porque se encontram em locais de grande necessidade em caso de incêndio.

Uma delas é a da escola de Amares, outra no lugar de Paços e ainda outra no Bairro.

Existe ainda uma outra boca de incêndio em local muito perigoso, perto da bomba de gasolina, do Largo do Doutor Oliveira Salazar, que se encontra soterrada e não pode ser facilmente substituída por outra próxima.

Depois destas ligeiras reparações, toda a rede fica em bom estado de funcionamento, devendo salientar-se a maneira pronta como a Câmara atendeu ao pedido feito pela Corporação.

Placas de sinalização

Não sabemos se por desrespeito das sinalizações existentes no Largo do Dr. Oliveira Salazar, ou se involuntariamente, por estas passarem despercebidas aos veículos automóveis, continuam a verificar-se estacionamentos proibidos nas proximidades da bomba de gasolina, precisamente o sítio que deveria estar mais livre ao trânsito, o que dá uma nota pouco agradável e causa por vezes transtornos à circulação.

Convém portanto que os transgressores sejam chamados à ordem pelas autoridades encarregadas de o fazer.

Bandas de música e altofalantes

Durante a festividade que se efectuou no passado Domingo, na festa de Prozelos,

A MULHER PORTUGUESA, UMA SEMI-ESGRAVA...

(Continuação da 1.ª página)

Se o que aqui se transcreve traduzisse a realidade baseada na regra, teríamos de concluir que Portugal era ainda um país atrasadíssimo, que permitia conservar a mulher como uma semi-escrava.

Mas não!

Entre nós não se escraviza a mulher, elevada desde há muito, à dignidade que lhe é devida como esposa e mãe, como educadora de nossos filhos, como anjo do lar.

Não se encontra desprovida de direitos, como nas sociedades antigas ou entre povos selvagens, mas deram-se-lhe há muito nesta nação civilizada, mãe de nações, as regalias que lhe concedem os países mais adiantados.

Mesmo quanto ao divórcio, só os católicos se submetem, voluntariamente, ao condicionamento impeditivo deste acto, que a articulista parece ter como um dos grandes direitos da mulher, visto falarnele, tão insistentemente, nas considerações que deduz.

Para nós, o divórcio é a peor chaga social! E fica tudo dito a tal respeito.

Não deve a mulher, porém, esquecer-se de que, a par dos direitos, tem obrigações a cumprir. Direitos sem obrigações não existem.

E é obrigação da mulher compreender que só muito excepcionalmente se deve «imiscuir» nos negócios do homem e também este não deve meter-se nas funções da mulher. Para se não romper o equilíbrio, cada um destes poderosos e únicos esteiros da família, deve cumprir o seu dever conjugal, servindo a harmonia com o respeito mútuo e a educação que devem um ao outro.

Se, como diz o leitor citado, a mulher se deseja «imiscuir» nos negócios que só ao homem pertencem e que terá de resolver pela sua experiência de homem de negócios, de que a mulher nada percebe, geralmente, há motivos para o homem apoiar a sua autoridade e desta imposição pode resultar o rompimento do equilíbrio familiar, e, quando esta quebra se dá, pode levar à triste consequência do espancamento, condenável em absoluto, mas que compete à mulher evitar com o seu comportamento harmonioso, próprio de «anjo do lar».

Como não é procedimento louvável para a mulher, re-

prender o marido ásperamente, mesmo malcriadamente, como por vezes acontece, a ponto de lhe pretender retirar a autoridade que deve ter dentro do lar, e, de tal forma, que o leve, com atitude de inteira má educação, a oferecer-lhe pancada para a conter, ou mesmo exercer nela ofensas corporais. Muito menos se deverá aprovar a mulher quando quer, numa verdadeira sena infernal, retribuir ao marido o correctivo que este lhe deu, quantas vezes contra vontade, levado pelo desespero de ver ruir a seus pés a autoridade de chefe de família.

Tudo produto da má educação, que tanto reina em Portugal como em qualquer parte do mundo, em maior ou menor grau.

Não nos parece também nada exacto que, como diz noutra parte o mesmo leitor, se a mulher «se lembra de recorrer à protecção das autoridades locais, acontece que todos a votam ao ostracismo por se considerar má esposa, e portanto, indigna da sociedade a que pertence».

Só também por excepção, alicerçada no mau cumprimento do dever, uma autoridade deixará de tomar conta da queixa apresentada pela mulher contra o marido, caso triste, mas ponível por lei como qualquer outro. A autoridade terá neste caso a louvável prudência de conciliar as partes, antes de participar em juízo tão vergonhoso acto, mas em reincidência terá de tomar medidas severas para pôr cobro à tirania do homem sobre a mulher, realmente a maior das tiranias.

O tema posto não tem, segundo cremos, fundamento algum como regra.

Felizmente tudo isto é, com vimos dizendo pura excepção.

A regra entre nós é proteger a família e dignificar a mulher como elemento preciosíssimo na sua formação.

A lei não pode proteger a crueldade do homem, armado em verdugo da sua companheira. A lei não o consente, nem é esse o quadro que nos apresenta a família portuguesa, em geral.

A desagregação familiar é altamente condenada por todos os princípios básicos da lei moral e cristã que seguimos e a protecção ao espancamento, à escravidão da mu-

NECROLOGIA

Falecimentos

Na freguesia de Bouro - O sr. Arnaldo Manuel Arantes, casado, com 49 anos de idade, no passado dia 4 do corrente;

Na freguesia de Rendufe - O sr. Eduardo Veloso, casado, com 63 anos de idade, no passado dia 6 do corrente;

Na freguesia de Caires - O sr. João da Silva, viúvo com 80 anos de idade, no passado dia 20 do corrente;

Na freguesia de Ferreiros - O sr. Fernando Alves Victoriano, casado, 71 anos de idade, no passado dia 21 do corrente.

lher, seria a mais abominável medida que uma nação civilizada poderia consentir, quanto mais a nossa que sabe dar exemplo ao mundo, nestas e noutras liberdades que se tornaram o escudo protector da pessoa humana.

EME

Albufeira

(Continuação da 1.ª página)

das albufeiras, é com efeito, na prática a mais viável de todas.

Se as barragens projectam a distância, nas cidades, a luz e a força, o pão é também a luz e a força na casa do lavrador e a cada passo ouve-se os filhos pedir às mães — pão.

Ele é o principal sustento da família rural e, se o não houver ao canto da masseira, já vai em casa, no rosto de todos, um ar de tristeza e desolação que não pode descrever-se.

Os empreendimentos hidro-eléctricos subtraíram à produção considerável quantidade — é preciso que venham ao encontro deste magno problema, que a compensem.

O nível das águas dos nossos rios, e até dos oceanos, tem baixado e baixará, conforme a ciência o tem previsto as albufeiras que regularizaram os grandes caudais, proporcionam a abertura de canais ou novos caudais que sirvam terras subjacentes.

As terras altas do concelho tem o adequado sistema de irrigação por meio de «presas de água ou poças» que regularizam os pequenos caudais dos ribeiros; as baixas, que pareria estarem mais abastecidas, morrem de sede.

Deus impôs ao homem o trabalho como obrigação e que por si resolve as próprias dificuldades.

A edilidade ou entidade particular que encarar este problema com a seriedade que merece e conseguir resolvê-lo, será digna de jamais ser esquecida de nossos filhos, que mal poderão viver sem a sua efectivação.

A água é o «sangue das terras»; se não lhe injectar de novo, nelas a vida vegetal e humana irá perecendo lentamente.

DOMINGOS M. DA SILVA

Donativos para Nossa Senhora da Abadia

Continuam a corresponder ao apêlo feito pela Mesa da Confraria de N. S.ª da Abadia os benfeitores que por longas terras empregam a sua actividade, sem nunca esquecerem que são portugueses, que amam a sua terra e que não esqueceram a Senhora da Abadia, a quem antes de partirem pediram que os não desamparassem.

Foram ultimamente recebidos mais estes donativos dos Senhores:

Abel Fernandes Barbosa, residente em Manaus . . . 500\$00
João Pires Capela, residente no Rio de Janeiro . . . 500\$00
João Vieira, residente na Venezuela 200\$00
Jesé Gonçalves, residente no Gerês 100\$00

Os senhores Arménio Pires Afonso e António Afonso do Cabo, ambos de Santa Izabel do Monte e residentes no Brasil, organizaram lá uma subscrição que rendeu 3.230 cruzeiros e que já transferiram para a Mesa do Santuário da Abadia, para auxílio das obras em curso.

A estes senhores, os nossos agradecimentos e que a Virgem Senhora da Abadia lhe proporcione muitas felicidades na vida.

Continuamos com o nosso apêlo para todos os devotos desta milagrosa Senhora, que por qualquer motivo ainda não fizeram as suas ofertas, certos que não deixarão de corresponder, pois só com o auxílio de todos os benfeitores será possível levar a efeito as obras de grande vulto, que a Mesa Administrativa projecta, algumas das quais já em construção.

Que ninguém falte com o seu donativo, para assim poderemos chamar ao Santuário da Abadia, um verdadeiro Altar do Céu.

A. FERNANDES

Sorteio para a Festa a Santo António

Realizou-se, no passado dia 18 do corrente, o sorteio para as festas a St.º António desta localidade que coube ao número 2.099, tendo sido contemplada a casa comercial, Figueiredo, Paiva & Parros, da cidade do Porto.

CAIRES

(Continuação da 3.ª página)

tos anos, são os nossos votos.

Batisados

Houve dois: Delfina da Graça, filha de Luiz Gonzaga Fernandes e de Almerinda da Graça Antunes, do lugar do Sobrado e Domingos José, filho de José Dias Pinheiro e Felícia de Jesus Gonçalves Fernandes, do lugar das Penas.

Casamentos

Houve dois: O de Dionísio Gonçalves com Aurora de Jesus da Silva e o de José dos Anjos da Silva Ribeiro com Amélia de Jesus da Silva.

Óbitos

O do inocentinho Bernardino de Cena, Cainas, do lugar do Roupeiro, que teve um belo acompanhamento de muitas crianças da Cruzada.

Aniversários natalícios

No passado dia 11—a Sra. D. Maria Helena Arantes Calheiros Cruz; dia 13, Maria dos Anjos de Carvalho, Teresa de Jesus Novais da Cunha; dia 14, o da gentil menina Arlinda de Jesus da Silva Almeida; dia 16, o do Rev.

P.e João Batista Ferreira, de Barreiros, e o da menina Clotilde do Céu Ferreira da Cunha, de Besteiros, e no passado dia 17, o do Rev. P.e David de Oliveira Martins, de Ruilhe.

A todos, desejamos muitos anos de vida, e muitas felicidades.

Fez anos na passada 4.ª feira, dia 21, a distinta sr.ª D. Maria Rodrigues do Bário, ausente no Brasil, cheia de acrisoladas virtudes de benfazer. Ontem, 6.ª feira, celebraram o seu aniversário natalício o Rev. P.e Alípio Quintas Neves, de Braga, o sr. Arrêrico Dias Pisão, da Feira Nova, e o sr. Adelino Silva, nosso querido e estimado regedor, desta freguesia de Caires. A todos as nossas sinceras felicitações. — P.e CALISTO VIEIRA

S. Pedro Fins

A ilustre comissão que este ano levou a cabo as brilhantes festividades a este nosso Glorioso Santo, parece que vai trabalhar a sério, na abertura da estrada nova, desde o Olival do Senhor até ao Alto do Monte junto da Capela de S. Pedro Fins. Anímem e ajudem todos esta feliz iniciativa. Glória de Amares e de Portugal. Avante por S. Pedro Fins.

Visado pela censura

Bombeiros — Telef. 62113

Agência Funerária

DE

Manuel da Cunha

Esta casa encarréga-se de todos os serviços fúnebres, bem como:

Ornamentações de igreja, tanto em luto como em gala, andores dos mais luxuosos, coroas, ramos para casamentos, ornamentações de cruces e todos os serviços deste género

Sempre grande depósito de luxuosas urnas.

No seu próprio interesse consulte esta casa em **Coucieiro—V. Verde ou em Fiscal—Amares**

Album de coisas várias

Há pessoas que dão um cavquinho por uma romaria, por mais pequena e insignificante que ela seja. Há pessoas que vivem, exclusivamente, esperando as datas das romarias da terra ou as das terras vizinhas. Contrariamente a essas pessoas eu gosto das romarias, mas se nelas não puser pé o ritmo do meu organismo não sofre nenhum abalo — e normalmente fujo dessas festanças, depois de a elas ter assistido, pelo menos, uma vez. Uma vez só vivi como outro qualquer as festas *sanjoaninas* de Braga. Iguamente as da *Agonia*, em Viana do Castelo, do *Socorro*, na Régua, da *Senhora dos Remédios*, em Lamego, do *Santo António* e *S. Pedro* em Vila Real. A outras eu assisti, também uma única vez, para conhecimento e observação. Mas ele há pessoas que parece só terem arcaboço para as romarias, como se nada mais houvesse para entretenimento do espírito e desopilação do fígado. Por isso foi por acaso que assisti ao III Festival Internacional de Folclore, que se realizou no passado dia 11, em Santa Marta de Portuzelo, um pouco acima da Meadela, em Viana do Castelo.

* * *

Do programa, devidido por três intervalos, faziam parte, se não estou em erro, nada mais nada menos que quinze grupos folclóricos, entre nacionais e estrangeiros, e o certame teve lugar na mata du-

ma quinta bem conhecida, cujo nome não me vem, agora à memória.

A mata estava cheia de gente, e eu aguentei, de pé, toda a primeira parte da sessão, que procurei ver com cuidado e atenção. Os pinheiros faziam sombra e uma pequena, muito pequena variação corria mansamente. Estavam presentes operadores cinematográficos, um dos quais conheci e julgo até ser um dos nossos melhores profissionais da câmara. Nas bancadas, em lugar de destaque e mesmo por debaixo das saias das intérpretes do folclore, pude distinguir alguns jornalistas e escritores portugueses. Não vi Pedro Homem de Melo, mas é natural que lá estivesse em demanda de novas cores e formas para os seus poemas ou para as suas crónicas todas cerzidas a cheiro de brôa e a caldo com azeite e tora, e música de harmónio e ferrinhos.

O restante do programa, portanto, as duas últimas partes fuzileias cá mais detrás, apoiado nuns pés fortemente doridos e nuns rins que pareciam chiar. Talvez por esta razão não tivesse gostado da coisa. Aquilo não foi um Festival: aquilo foi uma autêntica barbigada de folclore, uma estopada.

* * *

Quem organizou a coisa podia muito bem ter reduzido aquilo a, pelo menos, sete grupos. E era o suficiente até porque de folclore houve muito pouco e verdadeiro.

Do que vi apenas três grupos me encantaram: dois portugueses, entre os quais o de Santarem, e um estrangeiro — o holandês. Nada mais.

O de Santa Marta fechou o Festival, que terminou já pelas altas horas da tarde, com o céu a escurecer, como que a dizer: aí vai borrasca.

* * *

Santa Marta de Portuzelo vai assim impondo as suas tradicionais festas e romarias, assim como o seu nome. É uma terrinha que vibra nesses momentos, aliás como qualquer outra deste Minho engrinaldado e sempre em festa.

Façam então muitas festas que eu não quero que por causa de mim as deixem de fazer! O que juro é que nunca mais assistirei de pé a festivais folclóricos do peso e da extensão do realizado. Últimamente, em Santa Marta de Portuzelo.

Joaquim Monteiro (Jorge)

Assinai e
propagai
A
«Tribuna
Livre»

RECORTES

Secção de ODECAM

Modo de frigar batatas

Ramelho Ortigão

SAIVAM todos os meus adversários o modo por que eu procedo quando intento offerecer aos meus amigos este delicioso jantar de batatas fritas. Está já agora decidido... Não/não morrerás comigo, ó doce, ó bom, ó divino segredo!

Apercebo-me mandando vir de Cintra a manteiga mais fresca, e compro as melhores batatas que encontro. Depois disto, vou para a cozinha e sento-me à banca das operações... Descasco as batatas cruas, aparo-as escrupulosamente e parto em fatias de meio dedo de grossura. Em cima de lume muito brando, quase de um rescaldo, coloco a minha frigideira de porcelana, lanço-lhe um bocadinho de manteiga e vou alourando pouco a pouco, branda e sucessivamente as minhas rodellas. É uma operação para que se

não quer pressa, mas dedicação, mimo e paciência.

Depois, de meio fritas as batatas, vou-as retirando e pondo à janela, ao ar. Terminado este primeiro serviço, faço atear uma forte fogueira e reponho no lume a frigideira com um grande naco de manteiga. Quando está derretida, principia a saltar em bolhas de fervura lanço-lhe outra vez as batatas, que a esse tempo devem estar frias. As batatas afogadas na manteiga em ebulição empolam então, pronta, rápida, portentosamente e cada uma das rodellas toma logo uma forma esférica. É admirável, é quase miraculoso o resultado deste processo. A batata fica fôfa, amanteigada, farinhenta, inchada, leve e mole como uma filhó ou como um sonho.

Comam isto, e contuem a dizer mal de mim...

Relojoaria Maurício Queiroz

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas.

R. D. Frei Gaetano Brandão Telefone 2526 BRAGA

Folhetim da "Tribuna Livre,, 34

SEMPRE NOIVOS

Por Porfírio de Sousa

(Recordações do Minho — Usos e costumes)

—Vai José, vai à tua vida—disse-lhe o pai para poder limpar duas lágrimas teimosas que lhe humedeceram os olhos.

—Então, até à ceia!

—Até à ceia, não—atalhou a mãe—pois nós esperamos pela tua futura família, e por ti, para bebermos todos juntos umas malgas de vinho, como pediu o teu pai.

—Está bem, minha mãe, não me esqueço, e agradeço-lhe o seu interesse e a sua satisfação por nos reunir aqui todos, as duas famílias que se vão ligar.

O José levantou-se e foi ao quarto vestir o melhor fato, o que havia mandado fazer em Lisboa e que era a admiração e a inveja de todos os rapazes da aldeia.

Depois de se mirar e remirar ao espelho, verificou que tudo estava em ordem, para se apresentar na casa do Francisco do Monte.

Antes, porém, e enquanto não chegava a hora combinada, foi a casa dos irmãos e irmãs já casados, dizer-lhes que ia pedir a mão da Maria Teresa e, ao mesmo tempo, convidá-los, bem como às respectivas mulheres e maridos, a reunirem-se, às sete horas em casa dos pais, no Outeiro, para beberem todos juntos.

Os irmãos e irmãs, bem como as respectivas mulheres e maridos, receberam com alegria a boa notícia e todos protestaram a sua simpatia e amizade à futura cunhada e concunhada, à Maria Teresa, e teceram-lhe os mais rasgados elogios pelos seus dotes de coração.

—Deste no vinte... José—disse-lhe a irmã Ermelinda.

Escolheste a nata das raparigas, pois além de ser a mais bonita da região, é dotada de uma alegria e de uma virtude que constituem a verdadeira felicidade do lar.

—Sinto-me feliz pela escolha, pois toda a gente lhe tem tecido os maiores louvores.

—E merece-os—disse, por sua vez, o cunhado Luís Fraga.

—E para quando é a boda, José?—inquiriu a irmã.
—Se os pais dela estiverem de acordo, eu e a Maria Teresa já marcamos o dia, a nove de Agosto.

—Já, tão cedo?!

—O que se tem de fazer ao tarde, faz-se ao cedo; além disso tenho de tomar conta, no S. Miguel, da quinta do Vale, do Morgado do Souto.

—Ah! sim, é verdade.

A mãe já me tinha dito que tu a tomaste de renda.

—Aquela ou outra tinha de ser.

—A quinta do Vale é muito boa e tem muita água.

—E muita pedra, em alguns campos.

—Lá isso é verdade, mas é só nos do lado de cima do ribeiro.

—Sempre lá me hei-de agitar com a minha Maria Teresa...

—O que vos desejamos, eu e o meu marido, são imensas felicidades, irmão.

E tudo que precisares cá da minha casa está sempre ao teu inteiro dispor.

—Obrigado, Ermelinda.

A minha casa, quando a tiver, também fica sempre às vossas ordens.

—Então quando for aí pela volta das sete horas lá iremos ao Outeiro, a casa dos pais, beber uma malga do bom vinho verde que lá há, à tua saúde e à da Maria Teresa—acrescentou o cunhado.

E nós, por nossa vez, bebemos outra à tua saúde e à da Ermelinda e dos pequerruchos...—disse, como agradecimento, o José.

—E daqui a um ano, ou pouco mais, voltamos a beber, mas na tua casa, à saúde do teu ou da tua pequerrucha...—concluiu a irmã, a rir.

—Enal como vais depressa.

—Não é depressa. Tudo isto vem a seu tempo!

—Bem, até logo às sete horas, pois já são três e meia e às quatro, ou seja às 16, como se diz nas terras civilizadas, tenho de estar no lugar do Monte.

—Oh! menino!—Goães também é uma terra civilizada... e até está no mapa...

Ora não querem lá ver!

Lá porque esteve três anos em Lisboa já não considera a tua terra civilizada.

(Continua)

MONOGRAFIA DO CONCELHO

Continuação da 1.ª página

vida moral das famílias, e deste modo formou-se espontaneamente a *freguesia rural*, «dando origem a uma unidade eclesiástica, que finalmente se tornou em unidade administrativa».

Ao lado do—*palatium*—habitação do senhor—*dominus*— dono, levantou-se a—*eclesia*—igreja com seus filhos—*fili.eclesiae-filigresia*—a *freguesia*; e deste modo a paróquia rural—«molécula fundamental da sociedade portuguesa, foi uma criação espontânea popular, nascida das relações seculares entre os cultivadores de um mesmo prédio ou vizinhos, remontando ao tempo em que Roma ensinou aos habitantes das *cividades* as suas leis e a sua civilização».

* * *

Se, à medida que recuamos no tempo, mais deparamos com os detentores do grande «domínio»—*dominium*—com a imensa turba de servos da gleba à sua volta, também logo nos surge das densas trevas dos séculos, como luzeiro de fecunda doutrina que do termo dimana—*a freguesia*—minúscula assembleia de todos os indivíduos que já de princípio começaram a ser considerados, sem qualquer distinção, como *filhos* perante a *igreja*, desde sempre atenta aos eternos rumos das sociedades, incomparavelmente mais conturbadas outrora, que de presente, pelo desequilíbrio dos bens da fortuna; e, se assim não fôra, ainda hoje, por ventura, o homem seria escravo do homem.

Essa Força moral, permanente e vigilante, que vem de longe a exercer um domínio suave, a esclarecer e orientar, a rebater a propotência do forte contra o fraco, a proporcionar a este protecção e abrigo à sombra dos mosteiros, que outra coisa não foram de início senão activas colónias de exploração agrícola; que vem a projectar-se no tempo, a difundir uma subtil influência no viver comum dos povos, a prever e providenciar nas suas vicissitudes e bruscas oscilações, mal o homem, mesmo ateu, avalia quanto rigorosamente lhe deve no sentido do seu bem-estar e conforto material.

Mas, se apenas virtualmente desde logo marcou e consolidou essa política bem definida, ao considerar por igual todos os membros da numerosa família humana, sem diferenciação entre príncipes e escravos, vassallos e suseranos; e no temporal se não alcança a almejada igualdade que as gentes em vão proclamam, é porque não vingou o bom senso administrativo em cada indivíduo e sobretudo se opõem a irreligião e o crime, a extravagância e a devassidão, factores comuns da decadência e ruína das famílias e dos povos, germens eternos de derrocadas sociais, contra os quais igualmente em vão protestaram sempre os verdadeiros árbitros e guias dessa Força moral que sustenta o Mundo.

* * *

A mesma Força construtiva concretizou-se insinuando-se pelo espírito de natural humildade evangélica na obediência e disciplina, pelo espontâneo amor ao trabalho, a mais essencial das virtudes sociais e a verdadeira fonte da riqueza e da prosperidade dos povos; e deu-se começo, a sério, ao desbravamento dos montes e das chaneças, socalcaram-se leiras e campos, criaram-se as granjas, transformando-se em terreno culto e produtivo as terras virgens, *irruptas* ou *bravias*.

A natural evolução da família, com o carinho e desvelos de que começou a rodear-se, promoveu o correspondente parcelamento da grande propriedade.

Das primitivas «villas romanas» destacaram-se sucessivamente, como suas fracções, as «vilas e os vilares»—*villula et villares*, as «quintas, as quintãs e os quintais»—*quintas, quintanas et quintanales*, já considerados em plena idade-média como prédios independentes; e cada nova feição e constante readaptação da propriedade ia exigindo a correlativa e natural demarcação e terminologia.

Aquela fazia-se por meio de *arcas, petras fictas, petras scriptas e lapides*, expressões tão frequentes nas escrituras dos velhos códices; esta podia fundar-se na natureza da gleba, e mais geralmente na especialidade da sua cultura: *barrarius*—«barreiros»; *santos et pumares*—«soutos e pomares», *linares et linarelios*—«linhares e linharelho», *padules*—«paúl ou panis», *terras vineales, emexinares, ficarias, ceresales, avelhanales, mazanarias, pecegales, nogales et perarias*—«vinhais, ameixoeiras, figueiredos, searas, avelãs, macieiras, pecegueiros, nogueiras e pereiras», além de outros, que ficaram a designar topónimicamente tantas aldeias e lugares conhecidos desta terra; por vezes na natureza de praso—«real e reguengo».

(Continua no próximo número)

Belezas da nossa Terra

(Continuação da 1.ª página)

vista no seu brilhante futuro e no aspecto total aproveitamento turístico, temos de lançar os olhos para o alto e para a montanha, a dois passos, alta-neira, donde se vislumbra uma paisagem única, sem fim. Uma maravilha.

Nunca a vemos deste lado que não perguntemos a nós próprios:

Por que não há-de haver aqui um dia um funicular ou teleférico como vimos em Capri e no Vesúvio em Nápoles, ou na cidade do Cabo na África do Sul e existem em tantos lugares do universo, alguns bem menos privilegiados pela natureza?

Para já e, no entanto, encontramos neste sentido uma via que é necessário enriquecer, de maneira a não destuar desse conjunto. Não sejamos pelo menos pobres em projectos onde se vê uma realidade palpável.

Não faz sentido, pois, que partindo deste oásis de beleza uma estrada que contornando a montanha, dá ao turista o sabor de paisagens sem par, onde se enterlaçam a agressividade da serra com o verde musgo dos frondosos laranjais e os serrados pinhais e vinhedos com a paisagem sem fim do vale, com seus prados verdejantes, esta via, que serve de ligação à histórica quinta da Tapada, e à vila de Amares e é passagem obrigatória do intercâmbio aquista Gerês-Caldelas e de todos os turistas e excursionistas que de Caldelas ou vice-versa visitam o Santuário da Abadia, as Barragens do Cávado, o São Bento da Porta Aberta, continua em macadame e mal tratada.

O turista já não consente as nuvens de pó e as estradas com traçados cheios de precipícios. Mas vejamos melhor as suas belezas.

Ainda em Caldelas esta via já nos delicia subindo apenas uns metros até à Bela Vista, onde se encontra situado o Grande Hotel do mesmo nome. De um lado a serra abrupta, do outro Caldelas e os prados verdejantes. Dali, e subindo pelo sopé da montanha através de laranjais e parreiras frondosas, sempre com o prado e a montanha à vista, chegamos ao alto de Portela, onde se encontra a histórica Quinta da Tapada, na qual viveu, escreveu as suas principais poesias e quis morrer, Sá de Miranda. Muito visitada durante todo o ano por escolares e professores universitários, em viagem de estudo, e ainda por poetas, historiadores e turistas, cujas portas o seu ilustre proprietário Sr. D. Miguel Souto Mayor, franqueia amavelmente.

Daqui a paisagem é ainda mais maravilhosa, por ser o ponto mais alto. De costas voltadas para o cume da montanha e coada através do pinhal onde nos encontramos, estende-se na paisagem a vetusta Quinta e Casa da Tapada e todo um mosaico constituído pelos

prados e campos do vale de Torre e Fiscal e ainda um angulo do Rio Homem.

Mais duas curvas e estamos no alto do Regato.

Tudo ali nos convida a parar. Um frondoso pinheiro sobre um banco de pedra mandado ali colmar pelas Obras Públicas, empresta ao local o sabor que uma paisagem paradisíaca completa.

Como pano de fundo o Sarmeiro e a serra do Carvalho, de permeio o serpenteado do Cávado e como ponto saliente, destaca-se, altaneiro, o Castelo dos Senhores do Crasto, dando ao cenário um conjunto grandioso de luz e cor.

Descendo sempre através dos frondosos e perfumados laranjais de Amares, e como a despedir-se do turista e já quase na Feira Nova, e no desenho duma curva caprichosa, ainda a nossa vista se delicia com a mesma paisagem anterior, mas num plano inferior.

Esta via devia entrar na Vila por meio duma avenida em direcção ao Largo Doutor Oliveira Salazar, para o que apenas seria necessário cortar 3 nesgas de terreno, e para a qual a Câmara devia oferecer a sua participação às Obras Públicas.

O seu pavimento devia ser de paralelo, com luxuosas obras de arte e aproveitados todos os recantos e miradouros, tal a sua importância.

Não fazia sentido que havendo através do seu percurso

abundância de granito o seu pavimento fosse destuar da natureza viva em que o seu traçado se encontra e do regionalismo que a deve caracterizar, considerando-a, como deve ser, no rol das principais artérias turísticas do Minho.

Desculpai leitores amigos que o meu espírito observador tenha encontrado encanto e beleza onde o não tendeis descoberto e poesia onde só vereis a harmonia das coisas, mas reparai bem, que, só a força do hábito nos pode tornar vulgar a sua beleza, porque isto é realmente lindo.

Só quem percorre o estrangeiro, em busca das maravilhas que a propaganda turística apregoa, pode dar o verdadeiro valor a estas obras primas da natureza, tão raras no mundo.

Tenho a certeza que, muito breve e fruto dum sempre crescente nível social europeu, essa multidão de turistas que percorre actualmente os lugares consagrados da Europa, Ásia e África, como observei espantado, junto do Museu e Pirâmides do Cairo, das ruínas de Pompeia, Vesúvio e Capri, em Nápoles, etc., cansada de observar ruínas, novamente, há-de vir até nós, procurar as puras belezas naturais do nosso Minho. Se a tenpo nos soubermos preparar para os receber muito teremos a ganhar, pois, se Portugal é um jardim à beira mar plantado e o Minho é o seu mais rico canteiro, Amares é uma das mais raras flores.

Paulo Macedo

BOMBEIROS — Tel. 62113

“David,, Cabeleireiro



Minhas Senhoras:

Este é o moderno
salão que deve
preferir.

Av. Marechal
Gomes da Costa

N.º 754-2.º (com elevador)

BRAGA

A MODELAR TIPOGRAFIA
ENCADERNAÇÃO
PAPELARIA

Feira Nova-Amares

A nossa oficina executa toda a espécie de trabalhos tipográficos. Descontos especiais aos assinantes deste Jornal. Fornecemos orçamento prévio quando pedido.

ESTAMOS JÁ A FORNECER

ALGUNS ASSINANTES DO ULTRAMAR